

Arqueologia experimental: o vinho de Roma antiga na Sicília moderna

Ivan E. Rocha¹

A arqueologia experimental (AE) se apresenta como uma ciência auxiliar da história e da arqueologia e busca realizar experimentos para recriar artefatos, ecofatos, estruturas e processos do passado. Um experimento arqueológico inicia-se com o estabelecimento de uma hipótese que é testada para verificar seus índices de probabilidades, e que pode ser substituída por outra, à medida em que não se atingem os objetivos almejados, ou seja a reconstrução, reprodução ou reelaboração de condições e circunstâncias do passado². Os resultados da arqueologia experimental podem ser usados para confirmar ou negar interpretações dos dados provenientes das escavações³ – ou outras fontes.

Os experimentos permitem reconstruir ou fornecer informações sobre o contexto socioeconômico das comunidades do passado por meio da reinterpretação técnico-funcional de evidências arqueológicas⁴. Há vários tipos de processos experimentais, dentre eles a construção ou replicação de mecanismos ou sistemas de produção e o uso e simulações técnico-funcionais dos processos ou contextos envolvidos⁵.

Outram observou que os trabalhos experimentais podem ser comprometidos quando não há uma clara explicitação dos objetivos a serem alcançados, quando não se apresentam os detalhes sobre os materiais e métodos utilizados e quando não há fundamentação acadêmica⁶.

A elaboração acurada de réplicas e de reconstruções, p.ex., de implementos agrícolas antigos permite realizar experimentos

¹ Texto apresentado no XXIII Encontro Regional de História. Assis: UNESP/Anpuh, 2016. Anais do XXIII Encontro Regional de História da ANPUH-SP. São Paulo: Anpuh, 2016, p.1-13.

² Outram 2008, p. 1.

³ Reynolds 1999, p. 387.

⁴ Baena e Terradas 2005, p. 142.

⁵ Bardavio et al. 2001, p. 43-58.

⁶ Outram 2008, p. 3.

funcionais para verificar a eficiência desses instrumentos. O resultado desse tipo de experiência leva a uma profunda reavaliação da agricultura na antiguidade⁷. Um experimento sobre a Bretanha romana – há também uma francesa - envolveu a reconstrução de um hipotético secador de grãos que se comprovou não se tratar de um dispositivo adequado para esta finalidade. Uma segunda hipótese de que essa estrutura ter sido utilizada como espaço para maltar grãos para fabricação de cerveja foi testada e validada⁸.

Paradinas apresenta a arqueologia experimental ao lado do que ele chama de aulas-museus como atividades que começam a competir com os parques temáticos, criando a oportunidade de apresentar uma arqueologia com base científica, mas mais atrativa e compreensível a um público mais amplo⁹.

Em seu relato sobre uma série de experimentações realizadas na *Butser Ancient Farm*¹⁰, em Chalton, Inglaterra, em que se procurou examinar o potencial da economia agrícola na Idade do Ferro tardia, Reynolds chama a atenção para o fato de que este tipo de experiência é muito complexo e que precisa ser repetido durante vários anos não só para permitir uma análise estatística, mas também para assegurar a avaliação de todo tipo de variações especialmente climáticas. A área da experiência deve também ser suficientemente ampla para permitir o registro de tipicidades¹¹.

Uma visão crítica das reconstruções promovidas pela arqueologia experimental é apresentada por Reynolds ao se referir a verdadeiras indústrias de reconstrução do passado realizadas em várias partes da Europa com o objetivo apenas de criar museus genéricos e recursos educacionais e não de explorar os dados arqueológicos de um dado sítio arqueológico. Avalia que em tais reconstruções há muitos interesses econômicos envolvidos, mas pouco interesse em compreender mais profundamente o passado¹².

Os resultados dos experimentos realizados e, em andamento, são veiculados de diferentes formas, mas particularmente na revista europeia EXARC (que circulou entre 2004 e 2010 com o nome de

⁷ Reynolds 1999, p. 390.

⁸ Reynolds 1999, p. 388.

⁹ Paradinas 2007, p. 211.

¹⁰ Disponível em: <http://www.butserancientfarm.co.uk/>. Acesso em 10 de abril 2016.

¹¹ Reynolds 1999, p. 392.

¹² Reynolds 1999, p. 389.

euroREA)¹³. Trata-se de uma revista dedicada especificamente à arqueologia experimental, e publicada online a partir de 2012. Dentre os experimentos descritos em suas publicações se encontram: Reconstrução de forno de pão da Idade do Ferro (n. 2 / 2005), Cunhagem experimental de moedas romanas (n. 3 / 2006), Reconstrução de um espaço de sacrifícios (n. 3 / 2006), Reconstrução de túmulos megalíticos (n. 6 / 2009), Contribuição para a tecnologia de construção medieval (n. 1 / 2012), Ferramenta de medida utilizada em olarias do Neolítico (n. 2 / 2012), A reconstrução experimental de uma caixa de joias em bronze merovíngia do século VI d.C. (n. 3 / 2012), Secagem da carne nos moldes do período glacial tardio (n. 2 / 2013), A reconstrução de casa do Danúbio neolítico, Uma abordagem experimental no estudo da tecnologia de decoração da cerâmica (n. 3 / 2014), Reconstruções de casas pré-históricas (n. 4 / 2014)...dentre outros.

A revista impõe determinados critérios para suas publicações. Exige que a descrição ou o relatório sobre uma atividade de arqueologia experimental devem informar se trata realmente de um experimento ou de um teste preliminar e quais as razões e importância para a sua realização. Deve indicar o tipo de hipóteses levantadas e descrever e discutir outros experimentos afins eventualmente realizados e, nesse caso, justificar porque foi feito um novo experimento. Deve apresentar os materiais utilizados e toda a dinâmica envolvida no desenvolvimento, apontando suas dificuldades tanto técnicas quanto de comprovação das hipóteses iniciais, assim como as hipóteses substitutivas ou complementares adotadas, e por fim, deve relatar os resultados atingidos e sua contribuição para o conhecimento histórico-arqueológico, apresentando sugestões para ulteriores etapas do experimento¹⁴. Um dos aspectos positivos dos experimentos é o aumento do interesse despertado pela própria arqueologia, não só no âmbito acadêmico, mas também fora dele¹⁵.

A arqueologia experimental inclui também um expressivo número de construção de maquetes como as de Roma Antiga e de Jerusalém do Segundo Templo.

As maquetes ganham agora edições digitais que permitem visitas virtuais a muitos dos ambientes reconstruídos, como as

¹³ Disponível em: journal.exarc.net

¹⁴ Mathieu 2005, p. 110; Schimdt 2005, p. 11.

¹⁵ Hansen 2012.

incluídas no projeto de reconstrução de Roma antiga desenvolvido pela Universidade de Caen, França¹⁶, apoiado nas fontes antigas e em informações arqueológicas. No projeto de Caen, além da maquete de Roma, foram elaborados vídeos e imagens com tecnologia digital sobre particulares da arquitetura da cidade, como o Arco de Setímio Severo, o Arco de Tito, a Ara Pacis, (vídeo), a Basílica Aemilia (vídeo), a Basílica de Constantino (vídeo), a Basílica Iulia (vídeo), a Coluna Trajana, o Coliseu (vídeo), o Forum de Augusto, o Forum de Nerva, o Forum de Trajano, o Forum de Vespasiano, as Termas de Caracalla, o Circo Máximo, a casa das Vestais, o Mausoléu de Augusto, o Panteão, a Ponte Aemilius, a Ponte Fabricius, a Ponte Sublicius, o Templo de Antonino e Faustina, o Templo de Castor e Pollux, o Templo de Portunus (vídeo), o Templo de Rômulo, o Templo de Saturno (vídeo), o Templo da Trajano, o Templo de Vespasiano (vídeo), o Templo de Vesta, o Templo de Pompeu (vídeo), dentre outros.



Maquete de Roma da época do Imperador Constantino. Museu da Cultura Romana (Roma)

¹⁶ Le Plan de Rome. Restituer la Rome Antique. Disponível em: http://www.unicaen.fr/cireve/rome/pdr_restitution.php?fichier=etape_5 Acesso: 14 junho 2016.



Maquete de Jerusalém do Segundo Templo. Museu de Israel, Jerusalém.
Foto do autor.

Neste trabalho nos deteremos em um projeto de arqueologia experimental vinculado à vinicultura romana: o projeto *Archeologia del vino in Italia: un esperimento siciliano*. No entanto, vários outros projetos sobre vinicultura romana foram desenvolvidos, particularmente, na Europa: Mas de Tourelles, em Beaucaire, França¹⁷; Archéosite, em Les Rues-des-Vignes, França¹⁸; cella vinaria, em Teià, Espanha¹⁹; Villa Urbana Longuich, em Schweich, Alemanha²⁰; Piesport, Alemanha²¹; Villa dei Misteri, em Pompeia, Itália²².

¹⁷ Tchernia – Brun 1999

¹⁸ Archéosite. Disponível em: <http://www.archeosite-ruesdesvignes.fr/> Acesso em 1 junho 2016.

¹⁹ Disponível em: <http://www.teia.cat/arees/promocio-economica-i-comerc/cella-vinaria> Acesso em 1 junho 2016.

²⁰ Disponível em: <http://www.trier-info.de/roem-villa-longuich-info> Acesso em 17 junho 2016.

²¹ Disponível em: <http://www.piesport.de> Acesso em 10 junho 2016.

²² Disponível em: <http://www.mastroberardino.com/en/villa-dei-misteri-project/> Acesso em 2 junho 2016.



Reconstrução de prensa romana em *Cella Vinaria* de Teià, Espanha.



Reconstrução de prensa romana em Piesport, Alemanha.



Reconstrução de uma vinícola romana em Mas de Tourelles, França

A arqueologia do vinho na Itália: um experimento siciliano

Um dos projetos mais recentes de arqueologia experimental está sendo realizado na Itália, pelo Istituto per i beni archeologici e monumentali do Consiglio Nazionale delle Ricerche (IBAM-CNR), em parceria com a cátedra de Metodologias, cultura material e produções artesanais no mundo clássico, junto à Universidade de Catânia, e se propõe reconstruir processos de vinificação romanos, utilizando-se de informações arqueológicas e de fontes romanas relativas ao primeiro e segundo séculos d.C, em particular o segundo livro das *Geórgicas* de Virgílio e a obra *De Agricultura* de Columella. O projeto é conduzido pelo pós-graduando Mario Indelicato, sob a orientação do Prof. Daniele Malfitana.

A descrição do projeto inicia-se com a apresentação do surgimento da viticultura no Oriente Próximo, seu desenvolvimento no Egito faraônico onde diferentes dimensões do uso do vinho são registradas nas pinturas dos túmulos reais²³. Daí passa a apresentar a presença da viticultura e o uso do vinho no mundo Egeu, particularmente na Grécia, onde a arqueologia trouxe à luz uma

²³ Indelicato 2013-2014, pp. 7-8.

grande quantidade de materiais cerâmicos ligados à produção, uso e transporte do vinho. Indica que as tradições de vinificação foram detectadas também em boa parte da Magna Grécia, especialmente na península itálica e entre os etruscos, por intermédio dos quais a vinicultura chega a Roma, ganhando destaque nas fontes poéticas e históricas e, em especial, nas obras dedicadas à descrição da agricultura romana, como a de Columella, autor de grande importância para os estudos da história da produção agrícola antiga e que inspirou o projeto de Indelicato.

Seguindo as instruções contidas nas fontes elegidas, iniciou-se, em 2012, a criação de uma pequena vinha experimental, localizada aos pés do Monte Etna, com o propósito de enriquecer o conhecimento a respeito da viticultura romana e também sobre a etnografia da viticultura siciliana, permitindo uma melhor compreensão do contexto socioeconômico da exploração desta região da Sicília²⁴.

A escolha das variedades, dos instrumentos agrícolas, o plantio das videiras e o processo de vinificação em ânforas serão efetuados, porquanto possível, de acordo com as fontes romanas.

Um dos objetivos do experimento é contribuir para que conhecimentos da viticultura antiga possam ser úteis na atualidade. Os resultados obtidos neste estudo serão também comparados com outras pesquisas arqueológicas realizadas na Sicília e em outras regiões da Itália.

A área da vinícola experimental é de 5000 metros quadrados e está prevista para 2017 a primeira produção e vinificação. Inicialmente a produção será em torno de 70 litros de vinho que poderão ser duplicados no ano seguinte²⁵.

O projeto prevê também a criação de subprojetos de turismo cultural em torno da área do experimento, como ocorre em boa parte de outros experimentos do gênero por toda a Europa.

Indelicato se refere à arqueologia experimental na Itália como uma atividade muito insipiente em relação a outros países da Europa e indica seu projeto como uma contribuição para suprir esta lacuna²⁶.

²⁴ Indelicato 2013-2014, pp. 9-10.

²⁵ Disponível em: <<http://www.gamberorosso.it/it/news/1018232-sull-etna-un-esperimento-fa-rinascere-il-vino-degli-antichi-romani-progetto-del-cnr-e-dell-universita-di-catania>>. Acesso em: 22 Agosto 2013

²⁶ Indelicato 2013-2014, p. 9



Mario Indelicato no espaço do experimento

Dada a impossibilidade de usar tipos de videiras descritas nas fontes romanas, optou-se pelas espécies de videiras mais antigas do território siciliano, entre elas as variedades Nerello mascalese, Nerello cappuccio, Visparola, Racinedda, Prunestra, Muscatedda e Catanese nera²⁷.



Ciconia romana. Instrumento de medição da profundidade do espaço de cultivo das videiras utilizado no experimento.

²⁷ Disponível em: <http://www.appuntididegustazione.it/2016/01/sulletna-il-fuoco-di-bacco.html>. Acesso em 7 de maio de 2016

Conclusão

A arqueologia experimental proporciona um conhecimento do passado que vai além dos textos e das interpretações literárias e históricas tradicionais. Ela viabiliza a recriação material e técnica do passado utilizando-se das fontes documentais disponíveis e da cultura material proveniente das escavações arqueológicas. Reatualiza ferramentas, processos, técnicas envolvendo espaços culturais e produtivos, particularmente, do passado do espaço mediterrâneo.

Apesar de ser uma ciência relativamente nova, centenas de experimentos foram realizados envolvendo diferentes aspectos do passado, e de forma bastante expressiva, envolvendo a produção vinícola romana, como o experimento siciliano apresentado.

Torna-se uma atividade que estimula o interesse pelo passado por parte do público que vai muito além do restrito espaço acadêmico. O excesso de interesses econômicos obtidos principalmente com os grandes projetos de reconstrução do passado tem sido criticado por não se ter utilizado tais projetos como um uma ferramenta de aprofundamento mais sério sobre o passado.

Não obstante, a arqueologia experimental está cada vez mais presente nos ambientes acadêmicos antes ocupados apenas pela arqueologia tradicional. Cursos, pesquisas, publicações têm se dedicado com frequência a utilizar as fontes antigas para reatualizar diferentes aspectos do passado antigo e medieval. Por vezes nos defrontamos apenas com pequenos experimentos, mas outras vezes assiste-se ao emprego de grande volume de recursos econômicos, técnicos e acadêmicos em projetos de grande dimensão e extensão no tempo e no espaço.

Na última década os projetos ganharam um espaço especializado de divulgação proporcionado pela revista EXARC que veicula desde os pequenos até os grandes projetos de arqueologia experimental conduzidos principalmente no espaço europeu, mas também fora dele.

Bibliografia

Baena – Terradas 2004: J. Baena, X. Terradas, *Porqué experimentar en Arqueología*, em AA.VV. *Actas de los XV cursos monográficos sobre el patrimonio histórico*, Reinososa 2004, pp. 141–160

- Bardavio et al. 2001: A. Bardavio et al., *Arqueologia Experimental i les seves aplicacions didàctiques: projectes entorn a l'arquitectura prehistòrica al Vallès (Barcelona). Actes de la I Reunió Internacional d'Arqueologia de Calafell, 2000*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2001, pp. 43–58.
- Hansen 2012: M. Hansen, *The Experiment and the Umbrella*, «10 years of experimental archaeology», 1 (2012) disponível em: <http://exarc.net/> Acesso em 8 de junho de 2016
- Indelicato 2013-2014: M. Indelicato, *Archeologia del vino in italia: un esperimento siciliano*, tesi di dottorato, Dipartimento di Scienze Umanistiche, Università degli Studi di Catania, Catania, 2013-2014
- Mathieu 2005: J.R. Mathieu, *For the Reader's Sake: Publishing Experimental Archaeology*, «EuroREA» 2 (2005), p. 110.
- Outram 2008: A.K. Outram, *Introduction to Experimental Archaeology*, «World Archaeology» 40 (2008), pp. 1-6
- Oliveras 2013: A.M. Oliveras, *The cella vinaria. Project and Archaeological Park (Teià, Maremse, Barcelona): A Great Experimental Archaeology Laboratory*, em F.W.F. Foulds (ed.), *Experimental Archaeology and Theory: Recent Approaches to Archaeological Hypotheses*, Oxford – Oakville 2013, pp. 67-100
- Paradinas 2007: P.J. Paradinas, *Romper un tópic: la arqueología polvorienta. Parques arqueológicos y arqueología experimental: nuevas visiones del patrimonio*, em D. Arranz (ed.), *El patrimonio arqueológico a debate. Su valor cultural y económico. Actas de las jornadas celebradas en Huesca los días 7 y 8 de mayo de 2007*. Huesca: Gobierno de Aragón; Diputación de Huesca; Instituto de Estudios Altoaragoneses, 2008, pp. 211-226.
- Reynolds 1999: P.J. Reynolds, *The Nature of Experiment in archaeology*, em AA.VV., *International Archeological Conference 1996, Százhalombatta, Proceedings of the International Archaeological Conference Százhalombatta, 3-7 October 1996*, Budapest, 1999, pp. 387-396.
- Proceedings of the International Archaeological Conference Százhalombatta, 3-7 October 1996

- Schmidt 2005: M. Schmidt, *Remarks to the Publication of Archaeological Experiments*, «EuroREA» 2 (2005), pp. 111-112
- Tchernia – Brun 1999: A. Tchernia, J.-P. Brun, *Le vin romain antique*, Grenoble 1999